



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A Educação Ambiental como reflexo contemporâneo de uma crise democrática e civilizatória

Prezados leitores!

Como já dizia Aristóteles em seu Livro Sexto, Capítulo Quarto: “Se é verdade, como muitos imaginam, que a liberdade e a igualdade constituem essencialmente a democracia, elas, no entanto, só podem aí encontrar-se em toda a sua pureza, enquanto gozarem os cidadãos da mais perfeita igualdade política”. O conceito de Democracia em sentido moderno teve diferentes fundamentações. A partir do absolutismo, com a reivindicação da liberdade – linha liberal que passa por Locke, Espinosa, Kant e Mill – e depois com a reivindicação da Igualdade – linha social pensada por Rousseau e Marx onde ocorre nova expansão democrática. A partir do totalitarismo ideológico e tecnológico em meados de século XX questionamos se a Democracia trata-se de uma aplicação de um método científico à vida política? Questionamentos iniciados por Dewey, Russell e Popper. Ainda diante de sociedades totalitárias por tecnocracia a Democracia, na época contemporânea, é reivindicada com base em razões éticas e conotações diversas como, por exemplo, as democracias comunicativas de Habermas e Apel.

Mas podemos pensar a democracia, conforme o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, como: “1. o governo em que o povo exerce a soberania 2 sistema comprometido com a igualdade ou a distribuição igualitária de poder”. Para além desses conceitos a realidade trás um cenário diferente junto às ditas “comunidades Democráticas” e a cada ano é possível observar uma diminuição da participação popular. Perdeu-se a crença na liberdade política e na própria participação do cidadão se restringindo apenas a sua capacidade de voto em eleições, por vezes, supostamente manipuladas, desembocando em uma espécie de elitismo que se sobrepõe a “autonomia popular”.

Há quem diga que “a democracia é a pior forma de governo, exceto todas as outras”. Atualmente podemos observar que a democracia entrou na mira da frustração causada por uma crise econômica mundial, cujos reflexos acabam por chegar no Brasil que se encontra em um emaranhado de “representatividades” que separa a classe política dos cidadãos. A crise econômica acaba por corroer a confiança nas instituições e “se fazendo” de tal situação, ganha força um movimento extremista, caracterizando “retrocessos políticos e populismo crescente”. Como resultado uma “intrincada rede de partidos políticos que confundem os cidadãos e geram paralisia do sistema”. Diante de

uma democracia do espetáculo, perde-se o foco dos verdadeiros problemas políticos do país e, frente à crise democrática os cidadãos acabam por perder sua confiança e força.

No cenário atual, interno, vivenciamos uma espécie de mal estar democrático, onde se faz urgente e necessário um questionamento crítico já que o que vemos escapa de qualquer racionalidade política, principalmente em países de proporções continentais e demográficas como o Brasil. Enquanto isso, com foco apenas nos “agentes políticos”, não é possível enxergar claramente que a democracia esta para além do cargo de Presidência. Assim o país avança em estado de retrocesso. Profundamente dividido.

Uma Crise de horizontes

Há muito já se faz possível apontar que para além da crise política, uma suposta crise do paradigma metafísico que acreditou ser portador de sentido na busca dos fins últimos do homem. Para autores como Habermas, fragilidades que começam já no interior da modernidade. Passamos de um pensamento vigente até Hegel relacionado à identidade e a uma filosofia da consciência cujo pensamento, compreendemos, deve ser interpretado na emergência das ciências histórico-hermenêuticas, que trazem em seu bojo novas reivindicações, principalmente a de que “uma consciência histórica não admite mais aquelas dimensões de finitude tão bem desenvolvidas e apontadas pelo idealismo”. Além disso, um deslocamento da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem e ainda, uma necessidade: a do agir comunicativo a partir dos contextos cotidianos negados pelo modelo metafísico.

Insistimos que os fundamentos que se desestabilizam dizem respeito aos princípios logocêntricos, pedagógicos, econômicos, culturais, políticos e ambientais, ou seja, a crise de uma crença em valores emancipatórios cujas bases estão centradas no método científico, objetivador, das ciências exatas. Diferentes autores já alertam para o fato de que nos equivocamos, quando optamos pela metodologia das ciências exatas e a aplicamos nas condições de vida humana. Daí, insistimos na emergência de uma hermenêutica para a Educação Ambiental. No entendimento da maioria dos autores essa crise dos fundamentos metafísicos está associada à crise do sujeito – que se constituiu como unidade racional, um sujeito objetificador de uma racionalidade voltada a fins. É o sujeito metafísico denunciado por Nietzsche. Enfim, trata-se, de uma postura menos portadora de certezas.

A Educação Ambiental como reflexo contemporâneo de uma crise civilizatória

Na busca de uma crítica contemporânea para a Educação Ambiental, a possibilidade de reflexão sobre a própria reflexão, ou seja, a possibilidade de rever o pensamento que move a cultura humana nos últimos séculos e que conduz a humanidade por toda a modernidade e nos constituiu até desembocar em uma espécie de beco sem saída no que trata das questões ambientais. Se atualmente vivemos uma crise civilizatória, surge diante do pensamento contemporâneo à necessidade de reflexão sobre esse fenômeno chamado Modernidade – que orchestra a ascensão capitalista, científica e tecnológica ou, até mesmo, sobre uma suposta/necessária pós-modernidade, se já podemos falar até mesmo, em uma “Hipermodernidade”, onde o pós se firmou apenas como transição.

O fato é que vivemos hoje, na "sociedade da informação", ou, em uma "sociedade de consumo". Alienada do contexto social, a economia se fundamenta sobre a propriedade privada dos meios de produção. Dessa forma, no sentido Heideggeriano, a globalização intensifica as relações sociais, interliga localidades distantes a acontecimentos locais que em um processo dialético se modelam e se transformam. Assim, a tecnologia moderna prevê alterar substancialmente as relações pré-existent

entre a organização social humana e o meio ambiente. Junto a esta tecnologia, o uso de fertilizantes, a mineração, a imposição de hidrelétricas, entre outras, causando impactos significativos junto às comunidades do local.

Diante de tal contexto, seguimos com a necessidade de compreender uma racionalidade não instrumental, em relação à dominação econômica, técnica e científica da natureza no pensar a Educação Ambiental. A partir de uma relação de exploração do homem pelo próprio homem e da natureza pelo homem, o modelo hegemônico começa a mostrar-se insuficiente para o desenvolvimento biológico social, cultural e econômico. Ainda, prevalece uma Educação Ambiental marcada pela tradição explicativa das ciências naturais mesmo quando inseridas no campo da Educação – relacionada às ciências das humanidades. De caráter objetivo, operatório e estático, o pensamento sobre as ciências humanas carece de significado e transmite no que se refere às ciências sociais, uma ausência de sentido, histórico, cultural. Observa-se, portanto, a emergência de uma “teoria”, “método de interpretação/transformação” capaz de decifrar a “matéria humana” naquilo que estamos voltados a interpretar, ou seja, o ser do objeto.

Uma conclusão a título de conclusão

É possível considerar que o surgimento da Educação Ambiental como prática para a liberdade de pensamento e livre expressão, constitui-se como terreno fértil para um pensamento crítico que busca uma espécie de revolução do pensamento. A necessidade de repensar o ser e a complexidade como uma proposta de reconstrução do mundo e de reapropriação social da natureza, para além da globalização que unifica os olhares, pode ser uma alternativa, no mínimo ética, para amadurecimento de nosso cotidiano social-político na tentativa de recompor um mundo alienado e fragmentado, herdado dessa civilização em crise. Nesse momento, de restrição das liberdades e conquistas, biopsicossociambiespirituais, esse periódico também se coloca contra a toda e qualquer ação que limita e encolhe a garantia da vida digna no planeta.

Finalmente, apresentamos a primeira edição do ano da Revista REMEA com uma série de artigos de pesquisadores de diferentes regiões do Brasil. Os conteúdos desta edição foram pontuados por duas seções especiais quando da necessidade de ressaltar aspectos sobre Fundamentos da Educação Ambiental, assim como, abordagens da Educação Ambiental Formal e Informal.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Equipe Editorial

Vilmar Alves Pereira – Editor Chefe

Paula Corrêa Henning – Editora Adjunta

Jacqueline Carrilho Eichenberger – Editora Gerente